

## **O PARADOXO DO TEMPO PÓS-MODERNO: ENTRE LYOTARD E LEONARDO COIMBRA.**

Celeste Natário  
Universidade do Porto<sup>1</sup>

Paradoxo pode considerar-se ser uma afirmação contraditória que desafia a lógica e o senso comum, como pode ser um recurso estilístico em que uma afirmação aparentemente contraditória se revela como verdadeira ou também uma situação que, porque vai contra a lógica e o senso comum nos pode conduzir ao absurdo.

Opinião contrária ao “sentir comum” é ainda, igualmente, um dos significados do termo paradoxo. Mas, destes e muitos outros significados que podemos encontrar, um se reveste de particular interesse para os nossos intentos: consiste, ele, na sua consideração como “coisa incrível”, como “coisa espantosa”, isto é, como algo que causa *espanto*, como algo em que não se consegue acreditar ou em que só muito dificilmente se acredita.

Vivemos hoje tempos sombrios, alternada e às vezes simultaneamente fascinados e resignados com o que, tantas vezes de forma inconsciente, é o resultado da nossa própria criação. E dizemos de forma inconsciente porque sabemos bem como, ao longo do tempo, quantas vezes circunscrevemos o pensamento a uma realidade instrumental, “vendo” o

---

<sup>1</sup> Docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Enquanto investigadora, tem-se dedicado, em particular, à filosofia e cultura portuguesas, tendo publicado: *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico* (1997); *O Pensamento Filosófico de Raul Proença* (2005); *Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX* (2008); *Itinerários do Pensamento Filosófico Português: da Origem da Nacionalidade do Século XVIII* (2010); *Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica* (2010). Tem organizado múltiplos encontros científicos. Coordena o projecto de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal” (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto).

mundo de uma forma utilitária, assim ignorando o verdadeiro alcance da nossa acção e da nossa descoberta – daí a não consideração dos fins como tendo uma finalidade por si mesma mas como um meio para outros fins, numa brutal redução da sua racionalidade à instrumentalização do mundo, em que, o que mais ou só importa, é a utilidade do que se produz ou cria, incluindo a do próprio criador (o Homem).

O mundo construído pelas mãos humanas foi transformando-se, primeiro progressiva e hoje vertiginosamente, centrado nesta racionalidade instrumental, elegendo, num círculo fechado e vicioso, tudo como importante, menos o que mais importaria: o verdadeiro significado da dimensão construtora e criadora do humano.

Como escreve Hannah Arendt, “ao mesmo tempo, passamos a povoar o espaço em volta da terra com estrelas feitas pelo homem, criando, por assim dizer, novos corpos celestes sob a forma de satélites”<sup>2</sup> – mas dos quais depois nos afastamos, ou seja, o homem cria, destrói mais ou menos “porque sim”, tornando-se numa espécie de “fabricador”, que depois assume a condição de um “motor imóvel”, porque na verdade o papel essencial da sua acção parece desaparecer.

Transformado num *homo faber*, o operário do mundo que habita, que habitamos, fica assim reduzido a algo, que Jean-François Lyotard chamou *o inumano*, porque “arrastados” num desenvolvimento onde o estranho e a

---

<sup>2</sup> In *La Condition Humaine*, p. 269.

utopia comparecem. Aliás, a este desenvolvimento Lyotard já não ousa sequer chamar “progresso”<sup>3</sup>, dado que aí as alternativas já não existem de todo, a não ser a consideração do outro, mas de um outro também ele *inumano*.

Para a secura do deserto do humano e para as dificuldades de reencontrar um caminho capaz de nos preservar, Lyotard fala-nos de questões decisivas como o tempo, a memória, a matéria, e como Adorno, caracteriza a vida contemporânea como “vie admimistrée”.

Mas estas questões decisivas, sem dúvida, ao longo de toda a história da filosofia, não podem ser consideradas mais importantes que o próprio homem – eis o que deveria ser completamente seguro para nós.

\*

Contudo, para além de todas as encruzilhadas inelutáveis a que toda a reflexão está sujeita, é nosso intento sugerir alguns quadros de ideias e imagens a partir dos quais a penumbra do silêncio a tantas questões nos conduzem. O nosso olhar, o Outro, os outros, o humano e/ou o *inumano*, pode colocar-nos entre a paixão, a razão, o jogo, a física e a metafísica, respirando a dádiva da vida e de nela simplesmente reconhecer que, mesmo que a firmeza do *cogito* cartesiano permitisse noutros tempos, outros ventos, hoje, neste nosso século XXI, o homem passou a estar muito menos disponível para horizontes onde ele próprio é o grande actor.

---

<sup>3</sup> In *L'Inhumain, Causeries sur le temps*, Editions Galilée, Paris, 1988.

O brilho da chamada “civilização”, do desenvolvimento, do que se designa como “progresso”, deu lugar a artificiais clarões de um Universo, onde o *azul* é substituído ou pelo *cinzento* ou então por uma incolor ou “indolor” globalização e mundialização, em que alguns entendem que se “evolui”, esquecendo porventura de perguntar o que é que evolui e como e para onde nos leva essa evolução. Parece que *cada vez se sabe mais de cada vez menos*, mesmo que o saber se tenha liberalizado pelos mais diversos meios, manipulando e embrutecendo não só os mais incautos como os que o não são.

Em 1994, Gilles Lipovetsky escrevia: “a esfera ética tornou-se o espelho privilegiado onde se reflecte o novo espírito do tempo (...), enquanto a ética reencontra o seu carácter nobre, emerge uma nova cultura, que apenas sustenta o culto da eficácia e da ponderação do sucesso e da protecção moral; não existe outra utopia senão a moral, ‘o século XXI será ético ou não será, de todo’”<sup>4</sup>.

Todavia, o que vai poder ser ou não o século XXI, ainda pode ser entendido num quadro de múltiplas inquietações, mesmo que se fale de um novo paradigma. Aquele que assenta na economia global e no triunfo do individualismo e onde a chamada mundialização é apontada como a grande responsável pelo estilhaçar dos anteriores modelos das sociedades.

---

<sup>4</sup> In *O Crepúsculo do Dever. A Ética indolor dos novos tempos democráticos*, D. Quixote, pp. 13-14.

Prisioneiro em grande parte da produção, da matéria e da cultura de massas, não sendo fácil escapar-lhe, de produtor e produto de Cultura, o Homem parece ser hoje quase e só um produto, um produto, aliás, cuja qualidade se altera continuamente, não se sabendo muito bem como proceder à avaliação do “actor” que se vai esquecendo que é antes de mais “autor”, reduzindo a vida a uma existência sem essência.

Se os antigos paradigmas tinham como objectivo a conquista do mundo, com o novo, hoje, esses paradigmas estão em decomposição. O Mundo conhece agora modelos de sociedade muito diferentes. As profundas e rápidas mudanças ocorrem de tal modo que “não há tempo” para disso nos darmos conta. Com um comando à distância nas mãos, parece que temos a oportunidade de tudo conhecer, de nada nos ser estranho. Mas, quanta superficialidade e estranheza! A nova realidade sócio-cultural apresenta-nos um Homem que, tendo em parte perdido a sua verdadeira e essencial dimensão, consegue pensar que tudo está ao seu alcance. O sentido, a significação e a interpretação do mundo são hoje conceitos e ideias conducentes a uma tal objectividade que apenas o determinismo parece caber nas vidas das sociedades e dos homens, como expressão de um mundo mais virtual que verdadeiro, mesmo que sejamos constantemente convocados a pensar que é o mundo virtual o verdadeiro<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A esse respeito, deixamos apenas a questão: como considerar hoje o “Second Life”?

Assistimos há algum tempo já, ao final de uma civilização e, podemos dizer que com ela caíram em bloco os “clássicos” sistemas totalitários nos países do leste da Europa, mesmo que nessa mesma linha política e ideológica alguns redutos ainda permaneçam. Contudo, as “velhas prisões” desde cedo anunciavam outras, embora com outras roupagens e aspectos e contextos bem diversos. Estas novas prisões podem apresentar-se das mais variadas formas, tendo todas em comum a desconsideração do lugar do homem no mundo, que, de questão filosófica por excelência, é remetido para uma dimensão mais ou menos instrumental, onde os valores são substituídos por critérios económicos. A inquietude, a angústia devida à perda das nossas referências habituais, vendo surgir e invadir-nos a força e o poder do lucro, a violência e o medo como os modos mais banais do acontecer quotidiano, transformam-nos em imagens deturpadas, das quais é urgente ter consciência, sob pena de nem um exemplar restar para incluir na *Arca de Noé*.

\*

As conquistas técnicas e científicas colocam-nos também elas perante os maiores paradoxos e evidentes logros, não sendo desajustado falarmos hoje de uma nova ignorância radicada entre outros aspectos no obscurecimento da própria essência do conhecimento científico. Especializadíssimas e numerosas, qual é o papel das ciências hoje – servem que valores, que interesses? As antropologias científicas, filosóficas e

teológicas manifestaram alguma indiferença face a uma “actualizada” compreensão do humano. Esta não dá dinheiro e não responde às perguntas essenciais e vitais: “o que somos?, o que fazemos aqui?, de onde vimos e para onde vamos?”. Mesmo para a Filosofia, para a qual estas questões são desde há séculos de interesse supremo e a sua própria razão de ser, parece assistir-se, neste estranho novo mundo, a um relegar de planos, em que ganham proeminência o materialismo, o hedonismo, a permissividade, a revolução sem finalidade e sem programa, o relativismo e o consumismo.

Da surpresa inicial logo se segue uma progressiva indiferença ou, em certos casos, a necessidade de aceitar o que se pensa ser irreversível. Verdadeiramente aprisionados numa estreiteza e rigidez de vida, cada vez mais deixamos de visionar esses horizontes, que, contudo, continuam a existir mesmo quando o homem os não vê, mesmo que filosoficamente esta posição seja contestável.

Já em 1965 Paul Ricoeur escrevia que “antes da questão da autonomia, antes da questão do prazer e do poder, ergue-se a questão do sentido e do não-sentido”, escrevendo também: “O mundo moderno dá-se a pensar sob o duplo signo da racionalidade e absurdidade existentes (...). Os

homens têm falta de justiça, certamente, de amor, seguramente, mas mais ainda de significado”<sup>6</sup>.

Significado bem difícil de atingir em sociedades em que reina a indiferença de massa, onde o que importa e domina passa por jogos de saciedade, de autonomia do “cada um”, na insanável lógica de um individualismo sem limites. A confiança, a crença e a esperança no futuro dissolvem-se em prol de um presente marcado por um individualismo hedonista, onde o que mais importa é manter-se e ser-se sempre jovem, esquecendo-se o Homem, na sua mais elevada e ampla dimensão.

A mudança, noção e realidade maior sem a qual os homens podem entender-se, aparece como algo sem grande importância, esquecendo-se, o homem, que ele é o seu grande actor, autor e realizador.

Destino trágico e apocalíptico seria o do homem e do mundo onde a consciência para sempre fosse aniquilada e a filosofia verdadeiramente filosófica não fosse capaz de enfrentar os seus martírios, às vezes, muitos, a solidão, e gritar contra a “fragmentação transfinita da cultura e dos eus”<sup>7</sup>, e se apresentar como um espaço integrador, “um espaço de lucidez que se inscreve e desfaz nos instantes de que o tempo é feito”<sup>8</sup>.

Se do homem se puder continuar a afirmar que é um ser livre, mesmo que sujeito de uma transfinita liberdade, e que é por tudo responsável, será

---

<sup>6</sup> In “Pour l’être humain du seul, fait qu’il est humain”, *Les Enjeux des droits de l’homme*, org. de Jean-François de Raymond, Paris, Larousse, 1988.

<sup>7</sup> Levi António Malho, in *O Deserto da Filosofia*, Porto, Rés, 1987, p. 19.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*.

então de nos questionarmos sobre de onde somos e que raça habita em nós ainda.

O Homem que, dos interstícios de uma nova realidade vai surgindo, tendo como *ideologia* o pragmatismo, como *norma de conduta* o que socialmente vigora ou o que está na moda, fundamentando a sua ética nas estatísticas, substitutas das consciências e uma moral onde impera a neutralidade, a subjectividade e a ausência de compromisso, relega e renega o seu verdadeiro sentido e condição.

Contudo, não deixamos de assistir à inquietação com o rumo dos humanos, o que significa, e recorrendo à terminologia de Lyotard que apesar do inumano, falar dos seres humanos humanamente, surge como um sinal de grande esperança.

\*

Esperança vai ser também uma realidade luminosa que vamos encontrar em Leonardo Coimbra, pensador português do início do século XX (1883-1936), que acreditava no pensamento como garantia e superação de todos os cepticismos – como escreveu na sua obra *O Criacionismo*, “o pensamento responde pensando e, pensando, se ergue, engrandece e justifica”, assim buscando “a harmonia e a fraternização”. Por isso, considera este autor que é pelo pensamento que tudo se condena ou liberta, sendo “o cousismo” a expressão que usa como contrária ao criacionismo (o seu sistema filosófico), como responsável pela petrificação de alguns

sistemas filosóficos como o positivismo, o pragmatismo e o materialismo. Aliás, para este autor, a vida não pode encerrar-se em nenhum sistema estático de pensamento e, conseqüentemente, do conhecimento, porque o próprio pensamento é progresso dialéctico, infinito avanço em sínteses progressivas, aí se descobrindo como infinito, eterno e criador, neste processo consistindo o próprio método filosófico leonardino.

Desde a Ciência, a Arte, a Moral, a Filosofia e a Religião, o homem tem todo um caminho a percorrer de modo livre (porque entende a Filosofia como um órgão de liberdade), até chegar às mais altas realidades onde, no culminar do Princípio da Harmonia, a dialéctica criacionista se aproxima de Deus assintoticamente, aí residindo a fundamentação ético-religiosa da Pessoa, bem como da sua filosofia criacionista.

O mal e as dificuldades existem, o Universo amoral também, mas o homem poderá aceder a um plano de pessoa moral e cósmica. Seguindo um método pedagógico e construtivo, Leonardo propõe afinal uma filosofia e um pensamento onde a dimensão antropológica, ética e metafísica fazem do homem o grande obreiro, o grande construtor da sua própria vida, como da vida do Universo, afirmando por isso que “o homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro de um mundo a fazer”.

\*

E, para concluir, diremos que, a nosso ver, o grande paradoxo será então o da constatação de uma história do homem onde a luta pela

liberdade e pela felicidade, numa trajectória de esforço contínuo, ocorre num penoso esforço de emancipação, desde a “velha escravatura”, passando pelo “escravo-objecto e proletário animal” e por todo o tipo de opressões, porque, e depois de tudo isso, viver legal e “livremente”, às vezes fascinado, às vezes resignado com uma civilização a que parece atribuir poderes mágicos, é efectivamente um *espanto*.

Em detrimento de si próprio, relegando-se para um lugar de produto e de mercadoria, olha a ciência como “uma gigantesca águia, que, firme, nas suas vigorosas asas, corta rápida e audaz pelo Infinito da actividade cósmica e à luz da razão lhe vem decifrar os segredos maravilhosos”<sup>9</sup>.

O que temos diante de nós é um movimento onde o desequilíbrio de forças e o progresso humano se faz em prejuízo do Homem, que, desatendido, terá que pedir urgentemente lugar na civilização. Tudo isto sob pena das sociedades contemporâneas se transformarem, ainda mais, em sociedades de homens solitários neuróticos e num imenso pântano de indiferentes que fazem de conta que vivem no que se diz serem sociedades desenvolvidas e avançadas – já que as outras, as oficialmente consideradas subdesenvolvidas e terceiro-mundistas, estão sujeitas a outras considerações, onde todo o tipo de excessos, de riqueza, de consumo e de prazeres vivem às vezes “paredes-meias” com quem nada tem, parecendo, vergonhosamente, que tudo isso é legítimo.

---

<sup>9</sup> Leonardo Coimbra, “O Homem Livre e o Homem Legal”, in *Obras Completas*, IN-CM, Lisboa, vol. I, p. 89.

Essa anestesia do humano e essa ausência de uma consciência crítica, por mais acentuada que seja, não pode impedir a inquietação e a consciência que nos permitem fixar novas fronteiras para o humano, onde estejam presentes as questões éticas, considerando os novos imperativos e a permanência de uma vida autenticamente humana na terra, em suma, onde o homem possa efectivamente ser...

Podendo embora considerar-se este discurso como uma espécie de clássica glossa de algumas das questões sobre a desumanização que os tempos pós-modernos vivem, pensamos efectivamente que estamos hoje face a um dos maiores paradoxos: o da desumanização, só possível pelo próprio homem, e apenas a ele cabendo a sua superação. E esta é a situação *espantosa* em que temos de acreditar.

Nota de apresentação:

Natural de Amarante, Maria Celeste Natário licenciou-se em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde igualmente veio a obter o grau de Mestrado, com a dissertação *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico* (Edições do Tâmega, 1997), e de Doutoramento, com a dissertação *O Pensamento Filosófico de Raul Proença* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005). Em 2008, prestou provas de agregação, onde defendeu uma Lição sobre a Saudade. Ainda nessa Faculdade, tem, desde 1998, leccionado a cadeira de “Filosofia em Portugal” do Curso de Licenciatura em Filosofia e de Estudos Pós-Graduados. Enquanto investigadora, tem-se dedicado, em particular, à tradição filosófica portuguesa, com diversos estudos publicados (além de Portugal, no Brasil e em Espanha), alguns dos quais coligidos na obra *Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX* (2008, Zéfiro Ed.). Tem igualmente organizado múltiplos encontros científicos. Coordena ainda o projecto de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, que congrega alguns dos mais relevantes investigadores desta área, e partilha, com Paulo Borges e Renato Epifânio, a Direcção da NOVA ÁGUIA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI.